A *função* da angústia na análise

Maria Célia Delgado de Carvalho

"É sobre o gume da angústia
que temos que nos sustentar,
e é sobre esse gume que espero
conduzi-los mais longe..."
Jacques Lacan

Com seus pacientes, Freud foi levado a reconhecer que, no âmago do ser, há um vazio, uma coisa irrepresentável, *das Ding*, uma coisa ao mesmo tempo estranha e familiar, *Unheimliche*, um *umbigo do sonho*, em torno do qual gravitam as representações e se deslocam os significantes na busca de um rastro, de uma pegada apagada que o sujeito tenta incessantemente recuperar. Nessa experiência de ter que se estruturar a partir de um vazio, a angústia se mostra presente e determinante na estruturação do sujeito, levando-o a constituir *identificações*, entre as quais o *eu*, que não é mais que um sujeito identificado, produzir *sintomas* e criar uma *fantasia*.

A definição de Freud para a angústia foi a de um sinal de perigo para o *eu*. Com Lacan, a clínica confirma que se a angústia é um sinal, é o sinal de que há um real incômodo, inevitável e diante do qual o sujeito busca encontrar uma resposta simbólica, lançando mão de recursos imaginários para aparecer como sujeito em uma operação que deixa um resto que incessantemente o divide, o objeto *a*, causa de desejo. A angústia não só é o sinal desse real "necessário"[1] que se apresenta na experiência, mas também, e em especial, um sinal que não engana.

[1] Lacan. *O Seminário X: A angústia* (1962-3), (Inédito, aula de 6 de março de 1963)

A angústia se manifesta vinculada ao desejo do Outro, ligada ao fato de que esse desejo é para o sujeito um enigma por meio do qual ele se pergunta que objeto *a* ele é para esse desejo. A *função f*(x) indica que há uma incógnita, a qual, na constituição do sujeito em sua relação com o Outro, é fundamentalmente o desconhecimento essencial do que é, na economia do desejo, o objeto *a*. Na análise, a angústia é o sinal de que nos

aproximamos do desejo do *Outro*, esse mesmo *Outro* em que o sujeito institui o objeto *a mais-gozar* como *causa de desejo*.

Definir a angústia como um sinal já é lhe dar uma *função* clínica, uma vez que ela emerge em um ponto privilegiado, sinal de que o objeto *a*, causa de desejo, está em jogo, e que nos aproximamos do que Lacan descreveu no *Seminário IX* como "o mais íntimo de nós mesmos no qual tentamos fazer o ancoradouro, a raiz, o fundamento do que somos como sujeito"[2], e que repousa no vazio de ser, em face do qual o sujeito é tomado pelo afeto por excelência, a angústia. Este ponto de angústia é "aquele onde o sujeito tem relação com sua falta, com aquilo a que está suspenso"[3]. É a partir do vazio que o sujeito se constitui, e apesar de passar a vida a buscar significantes que o representem numa tentativa incessante de explicar sua existência e dar a ela um sentido, esse vazio sempre insiste como um lugar que nada que o sujeito alcance em suas buscas poderá preencher. Na análise, a angústia tem a função de apontar para esse lugar fundante do sujeito, indicando que $f(x)=\phi$. Ao vivenciar essa angústia em toda sua intensidade, o sujeito se torna capaz de aproximar-se de seus pontos de gozo e assumir uma nova posição em relação à sua estrutura.

A articulação da angústia como um sinal de aproximação ao desejo do Outro se liga ao conceito de *cessão* como uma operação que se dá na constituição tanto do *sujeito* quanto do objeto *a* no Outro. No *Seminário X*, Lacan introduz a característica de *cessão* presente no desmame, que possibilita a queda do objeto seio como causa e a emergência do sujeito no Outro, cedendo a ele, instituindo seu desejo como desejo do Outro. No desmame, não é a mãe o agente, e sim o bebê, que se separa do seio deixando que ele caia como objeto *a*, causa de desejo. O que aparece na estrutura como demanda do Outro instituinte do sujeito é uma demanda própria do sujeito; este não é demandado, mas se demanda impulsionado pela angústia. O momento imediatamente anterior à constituição do objeto é definido por Lacan como um momento lógico de *função* da angústia como separação que dá lugar à emergência do sujeito como dividido e ao mesmo tempo do objeto *a* como causa de desejo, momento de *cessão* análogo ao experimentado na *sessão* de análise. A angústia se manifesta ligada à incógnita $f(x)$, que, na constituição do sujeito em sua relação com o Outro, representa o desconhecimento do que é, na economia do desejo, o objeto *a*.

"Tenho interrogado muitas vezes sobre o que convém que seja o desejo do analista para que ali onde tentamos levar

[2] Lacan. *Seminário IX: a identificação* (1961-2) (Inédito, aula de 29 de novembro de 1961)

[3] Lacan. *O Seminário X: a angústia* (1962-3), (Inédito, aula de 15 de maio de 1963)

as coisas, além do limite da angústia, o trabalho seja possível"[4]. Na condução de uma análise, o desejo do analista também se apresenta como um vazio que permite ao sujeito instalar aí o desejo do Outro ao qual se sujeitou, fazendo aparecer assim os significantes dessa dependência e, para além deles, seus pontos de gozo e os objetos *a* a eles associados. A análise interroga o sujeito na raiz de seu desejo, lá onde ele só está como *causa de desejo*, em um momento de antecedência lógica à instauração do objeto *a* como *causa de desejo*: "Essa dimensão temporal é a angústia e é dessa dimensão temporal que se trata na análise. É porque o desejo do analista suscita em mim essa dimensão da espera que sou tomado por algo que é da ordem da eficácia da análise"[5]. Em razão das identificações, da fantasia e dos sintomas serem abalados pelo trabalho da análise, a angústia velada emerge e indica que a análise está no caminho do desejo, permitindo "esclarecer a função do objeto em relação ao desejo"[6].

No manejo da transferência, o desejo do analista está na contramão de tudo o que se institui como anteparo à angústia, sendo, dessa forma, o principal causador da angústia na análise. Colette Soler chega a dizer que "o analista tem a seu cargo a tarefa de angustiar o paciente"[7] e que a transferência, em sua vertente da separação, é o "empuxo-à–angústia"[8]. A transferência "tenta fazer com que o sinal de angústia surja como resposta, pois ela indica o registro da relação com o objeto do desejo do Outro, desejo que a fantasia, como cenário imaginário, encobre. A finalidade, evidentemente, não é a angústia; é, precisamente, extrair da angústia sua certeza"[9]. Situação paradoxal se pensarmos que muitos sujeitos buscam a análise para encontrar a solução para sua angústia e, no decorrer do processo analítico, e mesmo no fim de análise, deparam-se com ela. Assim como não há como mudar de posição subjetiva sem reconhecer seus pontos de gozo e os objetos aí envolvidos, não é possível chegar ao fim de uma análise sem passar pela angústia. Certamente não se trata de trabalhar no sentido de criar angústia, e sim de reconhecê-la onde ela sempre esteve e permitir o surgimento do objeto *a* como falta que causa desejo. Recordemos Freud com sua precisa articulação de que o afeto nunca é recalcado, apenas deslocado para outra representação, outro significante, não se tratando, portanto, de criar angústia, e sim de localizá-la onde ela se encontra desviada ou velada. O manejo que está a cargo do analista implica dirigir o tratamento no sentido de não inviabilizá-lo pelo surgimento da angústia, e isso só é possível porque o analista passou por uma

[4] *Ibid.*, aula de 20 de fevereiro de 1963.

[5] *Ibid.*, aula de 27 de fevereiro de 1963.

[6] *Ibid.*, aula de 15 de maio de 1963.

[7] Soler. *Artigos clínicos* (1991, p. 64)

[8] Ibid.

[9] Ibid

análise e adquiriu a capacidade de suportar sua própria angústia: "sentir o que o sujeito pode suportar da angústia é o que nos põe à prova a todo instante"[10].

[10] Lacan. *O Seminário X: a angústia* (1962-3), (Inédito, aula de 14 de novembro de 1962)

Se o desejo do analista é uma manifestação que se faz possível a partir de uma virada discursiva na análise desse analista, podemos dizer que está diretamente ligado e condicionado à passagem desse analista pela angústia em sua análise em *intensão* e extensão, tendo como consequência uma virada na abordagem que dará a essa angústia na experiência. Nessa passagem, o lugar que a angústia ocupa para o sujeito passa de lugar do insuportável a ser evitado para o lugar de um afeto suportável, quase bem-vindo por trazer consigo a possibilidade de elucidação, de perlaboração. A angústia, portanto, estabelece-se dessa forma na base d'*isso* que permitirá a emergência do desejo do analista. As articulações de Lacan, em que o desejo do analista aparece como consequência do fim de análise, não deixam dúvidas. Vejamos.

A *ultrapassagem do plano das identificações* para chegar a um fim de análise foi postulada por Lacan desde o início de seu ensino, quando se posicionou contra o fim de análise definido pela IPA com base na identificação com o analista. É preciso não só ir além da identificação com o analista, como também além do *eu* que se constitui em obstáculo a um possivel fim da análise, pois este se define como uma identificação regida pela alienação ao Outro. Para que a análise chegue a seu fim, deve vigorar a separação em relação a essa instituição de Outro, havendo lugar para que o objeto *a* possa emergir do lado do sujeito, causando-o. O ato analítico que põe em marcha o trabalho do inconsciente possibilita o aparecimento do desfiladeiro de identificações que estão em jogo para cada sujeito e leva à elaboração passo a passo do equívoco em que estas se baseiam pela confrontação do sujeito com sua falta de ser, com a falta de um significante que diga o que ele é, desvelando a angústia até então encoberta pelo *eu* e pelo narcisismo. Se, por um lado, o esvaziamento das identificações imaginárias no início da análise pode provocar algum apaziguamento no sujeito, por outro, o enfrentamento da identificação primordial no fim de análise não poupa o sujeito de se confrontar com a angústia.

A proposta mais polêmica de Lacan para o fim de análise, a *identificação com o sintoma*, mostra o mesmo caminho no desvelamento da angústia e também evidencia o paradoxo da análise. Se o analisando chega à análise porque seu sintoma

está lhe causando sofrimento, ou mesmo por um sofrimento ignorado apresentando-se como um *sem saída*, um *impedimento*, leva-se algum tempo para quebrar essa estrutura e identificar o gozo que está implicado aí. O sintoma como um s(A) que dá significado ao Outro vela a falta no Outro, o S(Ⱥ), o significante que falta ao Outro. Na conclusão da análise, a identificação com o sintoma não tem nada a ver com a resignação, não é um *deixa assim mesmo*, mas antes consiste em identificar-se aí, em reconhecer o gozo que não permite ao sujeito se deslocar desse lugar do sintoma, em saber fazer com ele, em saber lidar com ele e assumir a verdade do gozo, confrontando-se com a falta no Outro que mais uma vez deixa a angústia emergir. Colette Soler lembra que essa posição nada tem a ver com a posição dos cínicos modernos, que também reconhecem e admitem sua singularidade de gozo, só que não a verdade do gozo. Os cínicos não vivenciam a angústia porque acreditam na satisfação plena das pulsões, ao passo que, no fim de análise, ao contrário, o sujeito identificado com seu sintoma é capaz de admitir e se sustentar na angústia da insatisfação pulsional.

A *travessia da fantasia* como mais uma versão do fim de análise tem o mesmo aspecto de desvelar a angústia, uma vez que a fantasia se apresenta como um recurso do sujeito ao gozo, uma forma de fazer frente ao desejo do Outro e gozar. Como vimos, o desejo do Outro angustia e a fantasia se coloca como o que cobre essa angústia e define uma posição de gozo do sujeito. "A fantasia é uma interpretação do desejo do Outro [...] consiste em atribuir ao Outro uma vontade de gozo que implica um efeito de castração"[11]. Ao atravessar o enquadre que a fantasia dá ao desejo do Outro através do reconhecimento de sua particularidade de gozo, é a castração que se desvelará como impossível de evitar, evidenciando mais uma vez a angústia.

[11] Soler. *Variáveis do fim da análise* (1995).

No fim de uma análise, há uma postura adquirida na qual o sujeito "sabe alguma coisa do destino que lhe faz o inconsciente e consente nisso, cede a isso"[12]. É a queda da defesa subjetiva que permitirá ao sujeito admitir sua equivalência com o objeto. A isso Lacan chamou *destituição subjetiva*. A angústia é o afeto ligado a essa destituição, é o afeto do real, sendo ela própria um momento de destituição subjetiva, como descreve Colette Soler: "a angústia é um momento de destituição. Destituição que vamos chamar de selvagem, por oposição à destituição programada dos discursos"[13].

[12] Soler. Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações e causas (2002)

Para Lacan, o *passe* na análise se constitui em um ato que permitirá ao sujeito passar de *analisante* a *analista*. Uma virada

[13] Ibid.

que engendrará o desejo do analista e que é possibilitada pela queda das identificações, pela travessia da fantasia, pela identificação com o sintoma e sua conseqüente destituição subjetiva. Essas operações do fim de análise só são possíveis por intermédio de uma passagem pela angústia. A reconstituição dos objetos na análise há de passar pelo ponto de partida, esse tempo lógico anterior à instituição do sujeito e à queda do objeto, esse tempo de *cessão*, o lugar vazio para o qual a angústia tem a função de apontar, em que $f(x) = \phi$.

Ao fim dessas operações que caracterizam o enfrentamento com a *castração*, o sujeito estará apto a abraçar uma causa e saber fazer não só com seu sintoma, mas também com sua angústia, experimentando-a em um aspecto suportável em que houve uma mudança de abordagem desse afeto, passando de uma angústia ligada ao Outro (A) para uma angústia ligada ao objeto *a*, causa de desejo, fundadora de toda e qualquer aparição subjetiva.

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O Seminário IX: A identificação.* (1961-1962). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário X: A angústia* (1962-1963). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário XVI: De um Outro ao outro.* (1968-1969). Inédito.

QUINET, Antonio. *A descoberta do inconsciente.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SOLER, Colette. *Variáveis do fim da análise.* Campinas: Papirus, 1995.

SOLER, Colette. *Artigos clínicos.* Salvador: Fator, 1991.

SOLER, Colette. *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações e causas. Stylus.* Belo Horizonte, n. 5, 2002.

RABINOVICH, Diana. *O desejo do psicanalista – liberdade e determinação em psicanálise.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a *função* da angústia no percurso da análise que leva à passagem de analisante a analista. O que queremos enfatizar é essa *função* como uma passagem necessária para que a análise chegue a um fim e possa dar lugar ao desejo do analista. Nesse processo, a experiência que o sujeito tem da angústia sofrerá uma mudança significativa.

abstract

The aim of this paper is to analyze the anguish *function* on the course of the analysis leading to the passage from analysant to analyst. What we want to emphasize is this *function* as a necessary passage for the analysis to get to an end and permit the establishment of the analyst's desire. In this process, the subject's experience of the anguish will suffer a significant change.

palavras-chave

função da angústia, percurso da análise, desejo do analista, objeto *a*.

keywords

anguish function, analysis course, analyst's desire, object *a*.

recebido

22/02/2005

aprovado

16/04/2005